15.083 21

ORAÇÃO

QUE NA

ACADEMIA
LATINA, E PORTUGUEZA

Disse sendo Presidente

HUM ANONIMO

Em 15. de Outubro de 1735.

OFFERECE

AO SENHOR

MANOEL DE SANDE VASCONCECLOS

Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Thesoureiro mór da Junta dos Tres Estados.

LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina de MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA, morador nos Sete Cotovellos, junto a S. Mamede.

M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR

MANOEL DESANDE VASCONCELLOS.

ECITEY eſta Oraçaõ *na Academia Latina, e Portugueza por obediencia do preceito, que me pozeraõ os ſeus doutiſſimos alum-*

alumnos : agora a ponho aos pès de V. M. a impulſos da generoſa benevolencia, com que V. M. coſtuma proteger os que ſe querem honrar com a ſua protecçaõ : deſta pertendo eu formar hum impenetravel eſcudo contra os rayos, que fulminaõ malevolos os invejoſos, e os criticos, que como ſaõ filhos da ignorancia intentaõ pôr por terra o edifficio da Sabedoria.

Fica-me o deſvanecimento naõ pequeno, de que neſta minha offerta concorrem todas as leys do acerto a juſtificalla ; naõ ſómente porque na benigna peſſoa de V. M. ſubſiſtem todos aquelles dotes, virtudes, e excellencias, de que o enriqueceraõ igualmente empenhadas a Fortuna, e a natureza para o conſtituirem hum perfeitiſſimo Mecenas, mas tambem porque neſta Oraçaõ *tem V. M. huma grande parte.*

Nella elogîo, ainda que com rude Minerva a noſſa eſclarecida, e famoſa Luſitania por ſer Mãy daquelles Heroes, que a beneficio das ſuas extraordinarias virtudes a tem feito taõ conhecida no Mundo, e como V. M. entre os filhos deſta famigerada Mãy tem o lugar de Benenemerito, parece acertado, que proteja aquelles meſmos elo-

elogios, de que ſe faz taõ acredor, por iſſo me eximo de lhos conſagrar neſte lugar, por ſervir de Dedicatoria neſta parte a meſma Oraçaõ.

E aſſim conheça V. M. a innocente ſinceridade, com que deſpido de todos os affectos da lizonja ſempre criminoſa lhe offereço eſte pequeno producto dos meus eſtudos Academicos, ainda que limitada victima do meu humilde, e reverente ſacrificio, com tudo exceſſivo empenho, com que deſejo moſtrar a attençaõ, e reſpeito, que merece Peſſoa taõ Nobre, e Authorizada, como a ſua, que Deos Guarde pelos annos que igualem aos ſeus deſejos.

Beja os Pès a V. M.

Seu mayor venerador.

J. C. de M.

ORAÇAÕ ACADEMICA.

QUE grande ſeria a minha felicidade, ſe neſta hora me animaſſe aquelle ſublime, e eloquente eſpirito, que nos Ciceros, e nos Demoſthenes fez, que as ſuas palavras foſſem cadeyas de ouro, com que prendiaõ a attençaõ dos que os eſcutavaõ! Sim. Hoje havia de eu ter aquella conſumada facundia, e diſcreta erudiçaõ, com que tem admirado toda eſta Doutiſſima Academia os meus Sapientiſſimos Anteſignanos! Porque ſó aſſim poderia dignamente explicarvos a noſſa mayor ventura, a noſſa mayor honra, e a noſſa mayor gloria! Dotou-nos a Providencia Divina com hum beneficio taõ extraordinario, que para o noſſo agradecimento ſe diſtingue muito entre as infinitas profuzões da Altiſſima Benificencia. Nem

a voſſa attençaõ permitte demora em ſabello, nem eu me dilato jà em declarallo. Que caracter pòde haver de mayor honra, e eſtimaçaõ, do que ſermos filhos da Luſitania, aquella Fecunda Mãy, que pelas ſuas auſpicadas excellencias levanta a cabeça como Emporio do Univerſo, entre todas as Monarchias da Europa. Naõ vos pareça eſta propoziçaõ ſuſpeitoſa: porque a ſua veracidade radica-ſe em fundamentos taõ ſolidos, que haõde ſervir de alicerces ao edificio deſta minha *Oraçaõ*. Fallarey de ti, ò Luſitania, e das tuas relevantes excellencias, que divididas pelos ſonoros clarins da Fama, aſſombraõ todas as Quatro Partes do Mundo! Fallarey da tua Antiguidade, e dos teus prodigioſos principios! Fallarey de ti taõ florente na Paz, como triunfante na Guerra! Fallarey finalmente da tua admiravel Protectora, que por ſer eſta a excellencia, que entre todas te ſerve de Coroa, porà fim a minha *Oraçaõ!*

Origem de Portugal, ou da Luſitania.

Naõ cede a Luſitania o lugar da primazia a alguma das primeiras Monarchias, que houveraõ no Mundo; pois traz a ſua origem do taõ antigo, como famoſo Tubal. Eſte o primeiro Povoador da Luſitania. Eſte o generoſo Pay, que deo o ſer àquella taõ illuſtre gente; que pelas ſuas heroycas façanhas ſe fez ſempre taõ conhecida no Mundo. Eſte o primeiro Portuguez; e ſe eſtendermos a viſta pelas eſpaçoſas ribeiras do Tejo, ainda lá havemos achar memorias ſuas na primeira Colonia. Eſta a Antiguidade, e a primeira excellencia, com que ſe condecora, e honra muito a noſſa Luſitania.

Foraõ os Aſſyrios taõ famigerados, como cele-

celebrado, e conhecido o ſeu Imperio; e naõ por outra razaõ, mais que pela ſua Antiguidade. Primeiro empunhou o Scetro ElRey Nino, do que Nabucodonozor governaſſe os Babylonios, do que Dario ſobiſſe ao throno dos Medos, do que Cyro cingiſſe a Coroa dos Perſas, do que Alexandre dominaſſe o Imperio dos Gregos, e do que Cezar obtiveſſe o dilatado dominio de Roma, entaõ cabeça do Orbe politico. Taõ celebre ſe faz entre os homens a Antiguidade! Taõ celebrada he a Luſitania, trazendo a ſua origem da ſegunda idade do Mundo! Deſde entaõ principiaraõ a ter divizaõ as Gentes, e as Republicas; e logo tambem principiaraõ a ſer famoſos os faſtos da Luſitania. Ainda naõ cingia a Coroa, e já colhia trofeos, ainda naõ empunhava o Scetro, e já dezembainhava a eſpada para cortar os louros; porque já entaõ ſe ſingularizavaõ tanto os Portuguezes nos progreſſos do valor, que naõ ſahiaõ dos conflictos marciaes, ſem que primeiro levaſſem à ponta da lança os triunfos. Là andavaõ os illuſtres Viriatos, e os eſclarecidos Luzos com as ſuas eſpadas lavrando as Eſtatuas, que lhes erigio o Mundo no Templo do reſpeito. Là andava o Capitaõ Sertorio, rayo formidavel da guerra, obrando proezas iguaes ao ſeu eſclarecido nome, porque depois que cingio o capacete, e enriſtou a lança, foy o terror dos Exercitos formidaveis de Pompeo. Naõ fallo nos valeroſos Teodoſios, e guerreiros Wambas; porque eſtes naõ ſó conſeguiraõ o diadema Imperial à força do ſeu braço, mas tambem chegaraõ a arrancar das mãos de Marte o punhal (com que o pintavaõ ferindo

o peito) para tirarem a vida aos que davaõ cultos às fementidas Divindades, que inventou a cega ſuperſtiçaõ do Gentiliſmo. Deixo ElRey Mitidrates mendicando o adjutorio dos Arnezes Luſitanos para fortificar os ſeus Exercitos: Deixo os Romanos ſacudindo facilmente o pezado jugo dos Aborigenes com o auxilio Portuguez: Deixo finalmente os Imperios dos Godos, e dos Romanos nunca mais florentes, nunca mais populoſos, e nunca mais triunfantes, do que quando governados, e deffendidos pelo braço Luſitano impenetravel, e invencivel; tudo deixo; porque jà he tempo de nos lembrarmos daquelle feliciſſimo dia, em que para Portugal amanheceo a mayor gloria.

1. Principio quando Portugal poz a Coroa na Cabeça.

Chegou em fim aquelle venturoſo tempo, que fizera taõ ſuſpirado a impaciente, e vagaroſa dilaçaõ de tantos ſeculos; e determinou o Supremo Rey dos Reys, cujo Scetro he a ſua Divina Omnipotencia, ſahir à luz com huma obra, que deſde a ſua Eternidade exiſtia na altiſſima idèa do ſeu Entendimento: e foy eſtabelecer cà na terra hum Imperio muito ſeu, dirigido ao augmento dos ſeus ſagrados cultos, ao reſpeito, e veneraçaõ dos ſeus Altares, à gloria extrinſeca do ſeu Nome, e ao adiantamento da Fé, e Religiaõ Catholica, deſtinando para eſte emprego os Portuguezes. O' feliz, e venturoſa Luſitania, que para credito immortal dos altos merecimentos dos teus filhos baſta juſtificallos a meſma Divina Eleyçaõ! E quem porá em ti os olhos, que juntamente com hum profundo reſpeito naõ te conſagre o incenſo da veneraçaõ! Antiguamente elegera Deos para conſervaçaõ dos ſeus cultos a caſa

de

de Abrahaõ, para o reſpeito Sacerdotal a de Levi, para a gloria do Scetro, e grandeza do Solio a de Judà, e para veneraçaõ dos ſeus Altares os Machabeos; mas agora reduzidos todos eſtes a hum ſó emprego, deſtinou, e eſcolheo para elle os Portuguezes, honra verdadeiramente incomparavel, e exceſſivamente glorioſa.

Naõ ignoro que pertendeſſe eſcurecer-lhe eſta gloria a Fortuna, monſtro taõ formidavel, que ajudado da voluvel roda do tempo naõ perdoa ainda aos mais bem eſtabelecidos Imperios para nelles empregar os golpes das ſuas inconſtancias; ſim! Là negou os frutos à Soberana, e Real Prole do Senhor Rey D. Sebaſtiaõ, dando por eſte modo occaſiaõ a que ſe aſſentaſſem no Throno Portuguez Principes Eſtrangeiros: mas naõ paſſou muito tempo, que olhando Deos para à Luſitania, que gemia opprimida do eſcandaloſo jugo Eſpanico naõ acudiſſe logo a dezafrontar o nome Portuguez reſtituhindo a Coroa à Sereniſſima, e Auguſta Caſa de Bragança. Day-me licença, Senhores, para me dilatar em huma breviſſima reflexaõ, que toda redunda em grande gloria de Portugal: comparemos eſte com aquelle principio. Aquelle em que Portugal ſe coroou a pezar de todas as Potencias inimigas, e emulas, com eſte em que reſtaurou a Coroa aos ſeus Principes naturaes: obſervemos-lhe os auſpicios, que em huns, e outros deſcubro grande ſemelhança, e proporçaõ. Naquelle principio vejo que deo o Scetro independente de outra qualquer Monarchia, a Portugal o Grande Rey I. D. Affonſo Henriques a impulſos da Divina vontade, que no

2. Principio de Portugal quãdo reſtaurado.

Campo de Ourique ſe lhe manifeſtou. Neſte vejo que o reſtaurou o Magnanimo Senhor Rey D. Joaõ o IV. a impulſos tambem do braço do meſmo Chriſto, e para iſſo o deſpregara da Cruz na ſua admiravel Acclamaçaõ, dando teſtemunho o meſmo Deos, que Portugal era empenho da ſua mão Omnipotente. Póde haver mais bem acorde armonia entre eſtes principios taõ ſemelhantes, e taõ proporcionados, que parecem indenticos? O tempo me naõ dà mais lugar para ponderalla. Mas que ſe infere daqui? Que com taõ ſagrados, e divinos auſpicios havia de ſer Portugal invencivel ſempre na guerra. Aſſim he. Chegamos a huma parte da minha *Oração*, que talvez vos ſerá moleſta, e horroroſa; pois havemos pintar primeiro na conſideraçaõ as eſcuras, e mellancolicas ſombras da guerra, para depois vermos à viſta dellas ſobreſahir mais ao vivo o valor Portuguez ſempre invencivel.

Moſtra-ſe Portugal ſempre triunfante na Guerra.

He a guerra aquelle tragico, horrivel, e laſtimoſo theatro, em que a Arte com os attrevidos eſtratagemas da ſua induſtria ſe moſtra empenhada em deſtruhir a meſma natureza. He aquelle tremendo conflicto, em que tudo ſaõ tumultos, eſtrepitos, eſtragos, ruinas, e confuſoens: os inſtrumentos marciaes ferindo os ares, os tambores roucos, os fumos da artilharia, veſtindo de luto o Ceo, eſcurecendo os rayos do Sol, ſem haver mais que a breve luz do inſtantaneo fogo, que accendem os relampagos, e trovões das bombardas. Naõ fallemos nos choques, e nos aſſaltos; porque Marte fazendo entaõ aliança amigavel com a morte, pertende a todos tirar a vida furioſo, e impla-

implacavel. Jà ſe a batalha he peito a peito, he o perigo taõ evidente, que ou heyde pagar o tributo aos rigores da Parca, ou heyde executar no inimigo as tyranias da morte: ou heyde ſer miſeravel deſpojo do triunfo, ou vittorioſo poſſuidor do trofeo: finalmente ou heyde, jazendo quaſi ſem alentos, eſcrever na terra com o proprio ſangue o nome infauſto de vencido, ou heyde eſcrever com o ſangue do inimigo na folha da minha triunfante eſpada venturoſo o nome vencedor. Horriveis extremos que naõ admittem meyo na crueldade! Formidavel conflicto, em que governa a tyrannia!

E que vos parece a vós, que à viſta deſtes eſtragos taõ deploraveis ſe dezanimariaõ por ventura em alguma occaſiaõ os Portuguezes? Parece-vos que os noſſos Capitães vendo as bem ordenadas fileiras dos inimigos; a pompa, e apparato marcial de hum Exercito ſoberbo, e ovante, que atè na viſta imprime terror, e ameaça ruinas, deixariaõ os ſeus poſtos, largariaõ os baſtões do governo, e por-ſe-hiaõ em vergonhoſa fugida, por ſerem mais amantes de huma vida caduca, e mortal, do que do credito, e da fama, em que conſiſte a immortal da poſteridade? Imaginais que alguma vez perderiaõ a viſta entre as pulvurolentas nuvens da Campanha? Naõ por certo; porque os Soldados Portuguezes nos labirinthos bellicos valendo-ſe dos fios das ſuas eſpadas muitas vezes ſe adiantaraõ intrepidos a buſcarem o inimigo, e ſempre a conſeguirem a vittoria. Eſtamos em campo, e no Campo de Ourique. Alli foy o primeiro theatro, aonde Portugal reprezentou o valor mais exceſſivo, e extraordinario,

dinario, que póde caber nas forças humanas. Alli o Grande Rey D. Affonſo Henriques com o pequeno eſquadraõ de doze mil Soldados desbaratou, e venceo o formidavel poder de cinco Reys Mouros com os ſeus copioſiſſimos Exercitos. Alli aonde os Portuguezes tiveraõ hum triunfo taõ incomparavel, que à Luſitania naõ alcançar outro, baſtava para fazer eterno o ſeu aſſombroſo nome. Conſeguida taõ eſtupenda vittoria, veſtio-ſe a Fama das ſuas azas, e voando ligeira pelos dilatatados ambitos da Europa a todos atroou com o brado de taõ extraordinario triunfo. Poz-ſe a terra em ſilencio cada vez que ouvia pronunciar o nome do Alexandre Portuguez D. Affonſo Henriques; e ſó a inveja fallava deſta maneira. He poſſivel que até agora foſſem os Portuguezes a gente mais deſconhecida na Europa, agora zombando das mayores forças, e fazendo eſtremecer os mayores Athletas de Marte pertendem ſer a gente mais ſoberba, poderoſa, e deſtimida! Atè aqui huma pequena porçaõ de Eſpanha, agora hum Reyno jà com taõ avantajados principios, que prognoſticaõ ſerà na poſteridade futura alta emulaçaõ de Roma, e de Cartago. Atè aqui militando debaixo das bandeiras Eſpanhoes, agora arvorando os ſeus eſtandartes, e collocando no Solio hum Monarcha muito ſeu, moſtraõ eſtarem jà independentes de outra qualquer Naçaõ! Pois naõ ha de ſer aſſim; porque heyde humilhar tanta ſoberba, e abater tanto atrevimento.

Movidas quaſi todas as Monarchias pela inveja, com que viaõ florecer Portugal, que jà no berço, qual outro Hercules deſpedaçava os mayo-

res

res monſtros da valentia, pegaraõ nas Armas contra elle. Mas oh que infelicidade ſua buſcarem os inſtrumentos da propria ruyna! O' vòs que contra Portugal conſpirais tantas traições, quaõ inuteis ſaõ eſſes eſtratagemas da iniquidade, do odio, e da tyrannia! Miſeravel de ti ò Eſpanha, que naõ baſtando tantas vezes experimentares o flagello Portuguez, já vejo vir contra ti o grande Nuno Alvarez Pereira, que com os fios da ſua eſpada quer levar prezo o Leaõ, que tens por Armas! Miſeravel de ti Aragaõ, que para abater teus deſmedidos atrevimentos, lá vem caminhando o Exercito do Invicto Rey D. Sancho, que à maneira de hum vibrante rayo ha de reduzir tudo a cinzas; pois ainda corre pelas ſuas veyas aquelle Real ſangue, que ſeu Pay lhe communicara juntamente com o valor! O' deſditoſos Infieis, que para total deſtruiçaõ voſſa, là manda parar o Sol o Jozuè Portuguez D. Payo Peres Correya, para que as luzes deſte luminoſo Planeta ſejaõ igualmente teſtemunhas oculares da voſſa perdiçaõ, e de huma vittoria Portugueza a todas as luzes do Sol incomparavel! Finalmente deſgraçados de vós todos os que vos declarais emulos, e inimigos da Luſitania, que para caſtigar a voſſa indomavel inveja prepara os ſeus ſempre temidos Exercitos, o eſclarecido D. Affonſo o Bravo, que tendo a ſua eſpada dezembainhada, nunca a ha de ter ocioſa! Dezenganay-vos pois, que nunca haveis de triunfar da Luſitania; naõ ſó porque traz eſculpidas nos ſeus Eſcudos as Armas do verdadeiro Senhor dos Exercitos, mas tambem porque he venturoſa Mãy daquelles Heroes, que com o generoſo

neroſo diſpendio do proprio ſangue, e deſprezo da propria vida a tem feito taõ memoravel, e famoſa deſde o Oriente até o Occidente, e ſe me naõ daes credito olhay para o Occeano, vedes como o celebrado Gama vay deſcobrindo mares nunca dantes navegados, ſujeitando às quilhas das ſuas Náos todo o incontraſtavel poder de Neptuno? Vedes como os Almeydas, os Albuquerques, e os Caſtros vaõ dilatando a Fé por aquelles Clymas até entaõ deſconhecidos? Vedes como ſe vaõ já ecclypſando as Luas Ottomanas à viſta das Quinas vencedoras? Ora como naõ ha de ſer invencivel Portugal, e triunfador de todos os inimigos, ſe os ſeus famigerados filhos eſtabelecendo maritimos aſſentos, foraõ buſcar os rompentes Leões da Africa, os corpulentos Elefantes da Aſia, e os formidaveis Cocodrillos da America para puxarem pelos viſtoſos carros dos ſeus triunfos, fazendo deſta ſórte em todas as Partes do Mundo conhecido, e celebrado o ſeu nome? Ninguem o duvida. Mas agora me eleva, e arrebata a attençaõ ver as fermoſas tres Graças empenhadas a tecerem diademas para coroarem a Luſitania na Paz taõ florente, como triunfante. Triunfante. Sim Senhores.

Portugal triunfante na Paz.

Na Guerra vio-ſe Portugal Coroado pelas victorias, que alcançou dos outros Reynos, na Paz coroa-ſe triunfante de ſi meſmo. Na Guerra triunfa dos inimigos eſtranhos, na Paz vence os domeſticos. Hum dos inimigos, que traz conſigo a Paz, he a ociozidade, que como he mãy dos vicios, he o mais laſtimoſo flagello das Republicas. Deſtruida Cartago, e ſujeita Grecia ao dominio

do

dos Romanos, diziaõ eſtes, que ſobira Roma ao mayor auge do ſeu augmento, porque eſtava no eſtado da ſegurança, naõ tendo inimigos de quem ſe temeſſe; mas reſpondia aquelle Capitaõ taõ valeroſo, e experimentado, como Scipiaõ, que chegara Roma ao mayor perigo de precipitar-ſe, pois entrava a dominar o Ocio das Armas, com que miſeravelmente ſe coſtumavaõ arruinar os mayores Imperios. Concebendo altamente eſte conceito hum Cidadaõ igualmente prudente, que zeloſo do augmento do Senado Romano lhe aconſelhava, que naõ lhe era conveniente deſtruir Cartego, para que os Soldados ſenaõ tornaſſem com a ociоſidade inhabeis para a Guerra. Eſte o formidavel vicio, que ſegue as tregoas da Paz, do qual triunfou ſempre glorioſa a noſſa Luſitania. Naõ fallo, Senhores, naquella vittoria, que do Ocio alcançaõ as Artes Liberais, e Scientificas, chegando ao mayor grào da perfeiçaõ. Porque para teſtemunho ſeu baſtaõ aquellas penas, com que os filhos da Minerva Luſitana tem multiplicado as azas da fama, que publica ainda nas Regiões mais remotas por Emporio do Orbe Litterario o noſſo Portugal. Sómente fallo naquelle augmento, com que creſcem cada vez mais as Artes Mecanicas, de que he evidente prova a abundancia, e a opulencia, com que florece eſte Reyno, naõ com pequena emulaçaõ dos Eſtranhos. Já ſe olho para as correntes do Tejo, vejo que os Portuguezes conſeguiraõ o methamorforze de verem, e poſſuirem as areas do mar convertidas em areas de ouro. Se olho para a America, paſmo de ver as pedras taõ precioſas, que offerece à Luſitania como tributo

buto de lhe dar a mayor eſtimaçaõ, patenteando-lhe as ſuas minas. Se levanto os olhos à Mageſtade do Solio, naõ ſey ſe me augmenta, ou ſe perco a viſta entre tantas luzes, e taõ beneficas, que liberal deſpede o Sol da Luſitania. Là encontro com hum Rey de coraçaõ taõ amante dos ſeus Vaſſallos, como inflamado na veneraçaõ dos cultos ſagrados. Unico no zelo do augmento, e perfeiçaõ do Orbe Politico Catholico, e Litterario. Finalmente hum Monarcha taõ Auguſto, e de taõ multiplicadas excellencias, que o entendimento, que pertende comprehendellas, primeiro ſe confunde, que as conheça, e a penna, que intenta deſcrevellas, ainda que ſeja de Aguia, por mais que ſe remonte nos voos, primeiro ſe precipita, que chegue a numerallas, eſcrevendo por eterno brazaõ da ſua gloria a meſma ruina, e por credito immortal dos ſeus voos a ſua precipitada ouzadia. Por iſſo ſeria em mim ſacrilegio do reſpeito, ſe pertendeſſe agora temerario entrar no Santuario do Gabinete para louvar as maximas do Governo, e os inviolaveis ſegredos da ſua direcçaõ, ſuperiores aos mais altos elogios; baſta-nos conhecermos-lhes os effeitos, que ſaõ o augmento das Conquiſtas, a Paz, e a tranquilidade do Imperio, o repouſo publico, e commum de toda a Republica, o temor, e o reſpeito das Nações eſtranhas, a rectidaõ, a igualdade, e a inteireza da Juſtiça, que peza (entre os Signos da luminoſa Eſfera Luſitania) o de Libra nas ſuas balanças, e premiando-ſe liberalmente os benemeritos, e ſeveramente caſtigando-ſe os culpados; e outros muitos effeitos, que a reflexaõ naõ adverte

verte por innumeraveis, e ſó a experiencia os moſtra.

Mas todas eſtas felicidades ſaõ influxos da Benefica Eſtrella que preſide no Firmamento Luſitano, qual he a Virgem Senhora Noſſa, Padroeira de todo o Reyno de Portugal. Oh quem pudera agora dilatar-ſe em hum aſſumpto taõ elevado! Deſejara principiar agora a minha *Oraçaõ* para vos prognoſticar huma infinita profuſaõ de proſperidades, tomando por argumento o poderoſo auſpicio da noſſa admiravel Protectora! Que! Pòde haver mayor ſeguro de augmento, e conſervaçaõ deſte Imperio, do que a ſua Protecçaõ? Como ha de o Omnipotente Jupiter vibrar contra Portugal os rayos da ſua indignaçaõ, ſe por elle intercede a Sagrada Venus, taõ fermoſa, que nunca a pòde manchar ſombra alguma do peccado? Como naõ ha de ſer invencivel na Guerra a Luſitania, ſe tem a protecçaõ da Divina Pallas, de cuja Coroa eſtaõ pendentes mil Eſcudos, que a fazem taõ poderoſa, como a Torre de David? Como naõ ha de ſer florente na Paz, e como naõ ha de dar Leys a todo o Mundo Politico, ſe a patrocina a verdadeira Aſtrea, que junto ao Trono do Soberano, e Supremo Jupiter diſpende liberal com noſco os beneficios da Juſtiça? Como naõ ha de creſcer populoſa a Republica nas Artes Mechanicas, ſe os ſeus Artifices tanto ſe empenhaõ nos cultos da ſua Soberana Mãy, que he taõ propicia em favorecer os que a invocaõ? Triunfaõ as Sciencias do Ocio, e da ignorancia, pois he porque as protege a Divina Minerva, Veneravel Mãy da Sabedoria increada. Vencem

Protecçaõ de Portugal.

cem os que frequentaõ as Academias a mordacidade dos Zoylos, e dos Criticos, pois he porque a tem eſta Senhora por Numen Tutelar. E deſta ſórte como naõ ha de Portugal arrogar a ſi a Coroa de Emporio do Mundo, tendò por Protectora a Virgem MARIA Senhora Noſſa concebida em Graça no primeiro inſtante fyſico do ſeu Santiſſimo ſer? Ninguem o duvida. Eſta he a conſequencia de todo eſte meu diſcurſo Academico. Eſta a gloria incomparavel da Luſitania, e a noſſa mayor honra. Por iſſo aqui ſó tinha lugar huma Oraçaõ Euchariſtica, em que gratificaſſe a Deos Optimo, e Maximo eſte grande beneficio, e eſta grande gloria. Mas quando conſidero neſte empenho, dezanima-me a falta da eloquencia, que eu ao principio dezejava ter para inteira ſatisfaçaõ de hum taõ elevado emprego. A'lem do que Senhores, naõ ſey, ſe congratulando-me com voſco neſta extraordinaria honra, que poſſuimos, renda primeiro as graças a Deos, Divina Fonte, donde emanaõ para nòs tantas correntes de beneficios, ſe a MARIA Santiſſima Sagrado Aqueducto, por onde eſtes ſe nos communicaõ? Se àquelle Pay das luzes, que liberal deſpende com noſco tantos dons, ſe à Virgem Soberana, que he a cauſa de os poſſuirmos? Sim! A vós Senhora, que por ſeres noſſa Padroeira, he que Deos ſe moſtra mais benigno, e favoravel para nós, do que para outro qualquer Reyno Catholico. A vòs, a quem o I. Rey D. Affonſo conſagrou com ſolemnes votos todo eſte Imperio de Portugal. A vós, a quem o invicto Rey D. Manoel dedicou Templos para veneraçaõ dos voſſos Altares. A

vòs

vós a quem o grande Rey D. Joaõ o IV. nos fez a todos feudatarios! A vós cuja puriſſima Conceyçaõ jurou publicamente na ſua Real Academia o Sereniſſimo, e Auguſto Senhor Rey D. Joaõ o V. A vós rendo em nome de todos os Portuguezes, como poſſo, e naõ como deſejo, hum, e muitos milhões de graças. A vòs Senhora jura eſta doutiſſima Academia deffender com todas as ſuas forças a pureza da voſſa Immaculada Conceyçaõ, repetindo cada vez com mais exceſſivos, e flamantes affectos aquella nunca aſſás louvavel rezoluçaõ de vos invocar por Patrona ſua, voto, que ao principio logo celebrou, e eu agora com as minhas pouco eloquentes expreſſões confirmo. Deſejara que foſſe interminavel para gloria voſſa, e para perſeverança deſte Muſeo, que aſſiſtido de taõ beneficas influencias, e protegido com taõ poderoſos auſpicios permanecerà perduravel, perpetuo, immortal, e eterno.

Diſſe.